

Desafios Contemporâneos do Jornalismo Ambiental¹

Vanesa Romansin²

Cláudia Herte de Moraes³

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

Desde seus primórdios, o jornalismo ambiental tem buscado, pouco a pouco, seu espaço em meio às grandes especialidades jornalísticas. Desse modo, esse resumo propõe direcionar o olhar para esta evolução ao longo do tempo, desde suas origens até sua forma contemporânea. Investigando as diferenças entre o jornalismo “tradicional” e o jornalismo ambiental, destaca suas contribuições únicas para a conscientização pública e para a ação em questões socioambientais.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Ambiental; meio ambiente; contemporaneidade; desafios jornalísticos; oportunidades no jornalismo;

INTRODUÇÃO:

Meio ambiente, para a Constituição Federal, é um “complexo de fatores físicos, químicos e biológicos que engloba condições, leis, influências e interações, permitindo, sustentando e regulando a existência de vida em todas as suas manifestações” (BRASIL, 1981), para os seres humanos, o meio ambiente é algo necessário para a subsistência, já para o jornalismo ambiental sua matéria-prima.

O jornalismo ambiental desempenha um papel fundamental na sociedade contemporânea, servindo como uma voz crítica e informada na cobertura de questões relacionadas ao meio ambiente. Em um mundo cada vez mais interconectado e consciente dos desafios ambientais, a necessidade de uma cobertura jornalística robusta e responsável torna-se mais imediata do que nunca.

Neste artigo, a ideia é explorar a história do jornalismo ambiental ao longo do tempo, desde suas raízes históricas até as complexidades da era digital. Entrará em análise também as mudanças na prática jornalística ambiental, incluindo avanços tecnológicos e adaptações às transformações sociais, com análise de algumas facetas atuais que são destaque nesta área. Por fim, reafirma-se a importância contínua do jornalismo ambiental na promoção da conscientização e defesa do meio ambiente.

Metodologicamente, conduziu-se uma pesquisa bibliográfica abrangente, possibilitando um aprofundamento teórico substancial, conforme definido por Stumpf (2005),

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho: Perspectivas contemporâneas de pesquisa a partir do Jornalismo Ambiental, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Graduanda do 7º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen, e-mail: vanesa.romansin@acad.ufsm.br.

³ Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen, e-mail: claudia.moraes@ufsm.br.

pesquisa bibliográfica “é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa, que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia, pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado”. (STUMPF, 2005, p. 51). Para essa pesquisa bibliográfica, a principal fonte foram artigos científicos encontrados no Google acadêmico, e alguns livros centrados na metodologia de pesquisa em Jornalismo.

CONCEITO E HISTÓRICO:

O jornalismo ambiental diversas vezes é tido como uma especialização como qualquer outra, entretanto, sua natureza transcende em muito essa visão limitada. Girardi et al. (2012) sinaliza que não existe atualmente um conceito que interfira diretamente na prática do jornalismo ambiental. Entretanto, em alguns casos “ele é tido como uma especialidade ou especialização jornalística, relacionada à cobertura de temas ambientais, entendemos que o jornalismo ambiental extrapola a ideia de ser uma cobertura centrada nos assuntos de meio ambiente” (GIRARDI et al., 2012, p. 137).

Nesse contexto, então, pode-se entender que o JA⁴ desempenha um papel de mídia cidadã, sua principal missão é disseminar informações vitais sobre questões ambientais, proporcionando informações confiáveis, para o público poder entender a complexidade desses tópicos e suas consequências. O JA, em alguns pontos, pode atuar também como fonte de educação, estimulando debates em vários contextos, sendo fundamentais para moldar políticas e estratégias eficazes de enfrentamento dos desafios ambientais, seja ao nível local, nacional ou internacional.

Bueno (2007) afirma que o jornalismo ambiental almeja um conceito maior que o do jornalismo científico, e que não se confunda com o jornalismo econômico, em outras palavras, essa especialização jornalística precisa “construir o seu próprio ethos” (BUENO, 2007, p.36), buscando seu próprio DNA.

Nesse contexto, como seria possível conceituar jornalismo ambiental, segundo Bueno (2007), é possível conceituá-lo como: “o processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leitor, não especializado”. (BUENO, 2007, p. 35).

Mesmo sendo em essência uma especialização jornalística, o JA possui uma série de características próprias e bem destacáveis, conforme apontado por Girardi (2012):

[...] mostrar uma visão sistêmica dos fatos; dar conta da complexidade dos eventos ambientais; contemplar a diversidade dos saberes e não ser refém de fontes oficiais;

⁴ Jornalismo Ambiental

defender a biodiversidade e a vida em sua plenitude, o que significa deixar de ser imparcial; assumir seu papel educativo, cidadão e transformador. (GIRARDI, 2012, p.19 – 20)

Essas particularidades não representam meros adendos destinados a facilitar a compreensão, mas sim fundamentos que se estabelecem desde o início do jornalismo ambiental. Embora esse campo seja considerado jovem em relação a outras disciplinas da comunicação, já consolidou sua presença, ainda que de forma não completa. Nesse sentido, esses fundamentos continuam a se desenvolver e aprofundar-se ao longo do tempo.

O JA tem suas raízes iniciais no jornalismo científico, os primeiros vestígios do que poderia ser considerado JA surgiu na Europa no período pós-guerra, posteriormente disseminou-se pelos Estados Unidos, onde anos mais tarde, a corrente brasileira do JA buscava inspiração.

A primeira entidade focada exclusivamente na cobertura jornalística do meio ambiente surgiu em Paris, na França, por volta de 1969, comumente conhecida como Associação dos Jornalistas-Escritores para a Natureza e Ecologia, fundada por Pierre Pellerin. Posteriormente, nos Estados Unidos, surgiria, em 1990, a Sociedade de Jornalistas Ambientais.

No Brasil, o primeiro movimento em prol do jornalismo ambiental ocorreu em 1989, com o Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente, organizado pela Federação Nacional dos Jornalistas. Somente 60 jornalistas participaram do encontro, entretanto, o evento “inspirou a formação de uma série de núcleos regionais de jornalistas interessados na área ambiental na véspera da realização da Conferência Rio 92” (BELMONTE, 2017, p.114), o mais famoso deles o Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ-RS), em atividade ainda hoje, foi, segundo Belmonte (2017), o centro de organização da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental.

Todavia, existem numerosos registros de atividade de jornalistas ambientais, antes mesmo do referido seminário, e antes da criação de núcleos regionais, um exemplo célebre dessa atuação é o jornalista Randau Marques, que atuava ainda no período ditatorial brasileiro, considerado o “primeiro jornalista ambiental brasileiro”.

DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA ERA DIGITAL:

O JA enfrenta uma série de desafios complexos na contemporaneidade, que refletem as transformações sociais, tecnológicas e políticas em curso. Um desses desafios centrais é a polarização política e o negacionismo científico, que tendem a obscurecer a compreensão pública das questões ambientais. O embate ideológico muitas vezes impede a aceitação de

evidências científicas sólidas e dificulta a promoção de políticas eficazes de conservação e sustentabilidade.

Além disso, a disseminação de desinformação e fake news representa uma ameaça à integridade e credibilidade do jornalismo ambiental. A proliferação de informações enganosas mina a confiança do público na mídia e embaralha a percepção da realidade ambiental, dificultando a construção de consensos e ações concretas em resposta aos desafios ambientais.

[...] com o advento da internet, a velocidade de dissipação de informações foi infinitas vezes aumentada. Além disso, também há a universalização da web, que disponibiliza espaços como blogs e perfis em diversas plataformas para que as pessoas divulguem suas visões e crenças, sem necessariamente seguir algum embasamento teórico. (BORIM, 2019)

Segundo pesquisa realizada pelo Internacional Press Institute⁵, “jornalistas que cobrem matérias ambientais e climáticas enfrentam uma série de ameaças e ataques graves”. Entre esses ataques estão: “ataques físicos; prisão e detenção; assédio legal; assédio online e campanhas de ódio; restrições à liberdade de circulação; e desafios no acesso à informação”. (TRIONFI, SALZENSTEIN, 2024, p.4).

Como já destacado anteriormente, o JA assume um papel de mídia cidadã, buscando disseminar informações sobre questões ambientais e também, podendo moldar a percepção pública em relação ao meio ambiente. Mas para isso ocorrer, segurança para trabalhar seria algo primordial, entretanto, os jornalistas ambientais trabalham em uma linha tênue de proteção, ainda mais levando em conta o caráter investigativo adotado pela categoria, na maioria das vezes indo de encontro com os interesses de grandes corporações ou governos, e infelizmente, não faltam exemplos de jornalistas ambientais punidos por ir de encontro a interesses de terceiros.

Randau Marques, pioneiro do jornalismo ambiental brasileiro, sendo preso e torturado durante a ditadura militar, por denunciar “problemas de saúde sofridos por operários de uma poderosa indústria de calçados em Franca (SP), provocados pela inalação de solventes e contaminação cutânea por chumbo” (LÜCKMAN, 2007, p.7), ou um caso mais recente, o assassinato no jornalista inglês Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira, que “deixou a comunidade de jornalistas ambientais em profundo choque e teve forte repercussão em todo o mundo. Jornalista experiente que contribuiu para os principais meios de comunicação do mundo, Phillips estava familiarizado com a Amazônia após cobrir o desmatamento ilegal durante muitos anos”. (TRIONFI, SALZENSTEIN, 2024, p.19).

⁵ Instituto Internacional de Imprensa, em tradução livre.

No Brasil, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), a Transparência Internacional — Brasil, o Instituto Centro de Vida (ICV), o Instituto Ethos e a Operação Amazônia Nativa (OPAN). Com o apoio financeiro da Agence Française de Développement (AFD), criaram o programa “Defensores Ambientais”, que visa apoiar reportagens sobre mudanças climáticas, investigação jornalística ambiental e o papel dos defensores ambientais. Além disso, o projeto visa criar um índice de democracia ambiental, analisar a abertura de bases de dados na região amazônica, conscientizar empresas sobre seu papel na proteção dos defensores e promover a ratificação e implementação do Acordo de Escazú⁶ pelo Brasil.

No entanto, apesar desses desafios, o JA também se depara com oportunidades sem precedentes na era digital. O avanço tecnológico e a disseminação de plataformas online e redes sociais permitem que os jornalistas ampliem o alcance e o impacto de sua cobertura, alcançando um público global e diversificado. A tecnologia digital também possibilita a criação de conteúdo multimídia envolvente, que cativa e informa os espectadores de maneira mais eficaz do que os formatos tradicionais de reportagem.

Além disso, a colaboração entre organizações de mídia, jornalistas e cientistas ambientais abrem novas possibilidades para a troca de recursos, conhecimentos e experiências. Mediante parcerias e redes de jornalismo, os jornalistas ambientais podem fortalecer sua capacidade de reportar e investigar questões ambientais complexas, bem como aumentar a visibilidade e o impacto de sua cobertura. Sumaúma, talvez seja o exemplo mais célebre disso, vários jornalistas reunidos com o propósito de fazer jornalismo ambiental, mas não só isso, para lutar por melhores condições do meio ambiente.

Em suma, embora o jornalismo ambiental enfrente uma série de desafios na contemporaneidade, as oportunidades oferecidas pela era digital e pela colaboração entre profissionais e organizações podem ajudar a superar esses obstáculos e fortalecer o papel do jornalismo ambiental na conscientização e mobilização em prol do meio ambiente.

CONCLUSÃO:

Ao longo deste artigo, foi explorado a essência do jornalismo ambiental, desde suas origens até sua forma contemporânea, destacando sua importância fundamental na compreensão e resposta aos desafios ambientais contemporâneos. Desde sua definição até suas características distintivas, ficou nítido que o jornalismo ambiental não apenas informa,

⁶ O acordo de Escazú busca promover direitos de acesso à informação, à justiça e às questões ambientais, além de prever proteção para defensores ambientais na América Latina e Caribe.

mas também educa, inspira ação e promove a conscientização sobre questões cruciais para a sustentabilidade ecológica.

Apesar dos desafios enfrentados, como a polarização política, o negacionismo científico e a disseminação de desinformação, o JA também se depara com oportunidades sem precedentes na era digital. O avanço tecnológico e a colaboração entre profissionais e organizações abrem novas perspectivas para fortalecer e expandir o impacto do jornalismo ambiental, ampliando sua influência na formulação de políticas e na promoção da sustentabilidade.

Em resumo, o JA permanece como uma ferramenta indispensável para informar, educar e mobilizar a sociedade em prol de um futuro mais sustentável para o nosso planeta. Ao reforçar o compromisso com a qualidade e a integridade do jornalismo ambiental, pode-se continuar a desempenhar um papel crucial na proteção e preservação do meio ambiente.

REFERÊNCIAS:

BELMONTE, Roberto Villar. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 6, n. 2, 2017. Disponível em: <<https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656>>. Acesso em: 13 de abril de 2024

BELMONTE, Roberto Villar. **O jornalismo ambiental: três perspectivas em cinco décadas de especialização no Brasil megadiverso**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020

BORIM, Paula. **A educação é o mais eficiente instrumento contra as fake news**. Observatório da Imprensa. 2019. Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/espaco-do-estudante/a-educacao-e-o-mais-eficiente-instrumento-contras-fake-news/>>. Acesso em: 16 de abril de 2024

BRASIL. Lei Federal n.º 6.938, de 31 de agosto de 1981 Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm>. Acesso em: 15 de abril de 2024

DA COSTA BUENO, Wilson. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 15, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/download/11897/8391>>. Acesso em: 13 abril de 2024

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufop.br/handle/123456789/5632>>. Acesso em 15 de abril de 2024

LÜCKMAN, Ana Paula. **Possibilidades Educativas Do Jornalismo Ambiental: Algumas Reflexões**. 2007. Disponível em: <http://www.epea.tmp.br/epea2007_anais/pdfs/plenary/TR34.pdf>. Acesso em: 26 de abril de 2024

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, SP: Atlas, 2005, p. 51-61

TRIONFI, Barbara; SALZENSTEIN, Léopold. **Climate and Environmental Journalism Under Fire**. 2024. Disponível em: <<https://mediatalks.uol.com.br/wp-content/uploads/2025/02/Climate-and-Environmental-Journalism-Under-Fire-2024-Feb.pdf>>. Acesso em: 26 de abril de 2024